



TESOUROS DO MORRO DO CASTELO

COMO SE sabe, o morro do Castelo foi arrazado em 1921-1922, na administração do prefeito Dr. Carlos Cézar de Oliveira Sampaio.

Muitos anos antes, porém, já se cogitara dêsse desmonte. E, cada vez que se falava nisso, vinham à baila os lendários tesouros ali escondidos pelos Jesuítas, quando inopinadamente foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal, em 1759. Entre os valiosos objetos soterrados, era crença geral haver também uma estátua de Santo Inácio de Loiola, em tamanho natural, de ouro maciço.

No tempo de D. João VI, um grupo de ingleses pretendeu realizar o desmonte do morro do Castelo, em busca dessa imensa riqueza, con-

tentando-se com os lucros provindos do ouro e pedrarias ocultos no fundo da terra.

Seguiram-se outros pedidos de concessão nesse sentido, havendo mesmo alguns indivíduos que gastaram, em pura perda, avultados cabedais na perfuração de várias galerias subterrâneas pelos lados da rua da Misericórdia.

Ainda em 1903, o Ministério da Fazenda remetia ao Secretário da Câmara dos Deputados diversos papéis referentes a requerimentos de exploração desses subterrâneos. Muitas pessoas, na ocasião, foram de parecer que se devia dar permissão a toda esta gente ansiosa por descobrir os tesouros dos Jesuítas. Que fizessem as excavações e fôssem removendo a terra. No fim de certo tempo, teriam arrazado o morro e descoberto um grande tesouro... a salubridade para o centro da cidade!

Em fins de 1904, quando uma turma de operários que trabalhava nas obras de abertura da atual avenida Rio Branco procedia ao corte de uma pequena aba do Castelo, onde existia o antigo Seminário de São José (veja fotografia), surgiu nas excavações a entrada de uma misteriosa galeria, revestida de alvenaria, cuja direção desconhecida se perdia pelo morro a dentro, na treva e no silêncio.

Foi quanto bastou para que na alma popular revivesse o sonho secular de todas aquelas lendas fabulosas, com a perspectiva de achados extraordinários.

Explorada com cuidado a galeria subterrânea, verificou-se ser, realmente, uma grande obra de engenharia. E no seu interior foram encontradas correntes, gargalheiras (coleiras de ferro com que se prendiam os escravos) e outros apetrechos de suplício. Encontraram-se, também, velhos documentos, em pergaminho, com sinais cabalísticos, que talvez houvessem servido de base à exploração de tais tesouros.

Todo esse material foi recolhido e entregue ao Dr. Paulo de Frontin, engenheiro-chefe da Comissão Construtora da Avenida Central.

Um dos documentos parecia ser uma ata; outros, plantas e desenhos do morro do Castelo, com a indicação das diversas subidas, sendo que alguns, escritos a tinta vermelha. Os caracteres eram especiais e convencionais e a sua decifração desafiou, durante muitos meses, a paciência e a perspicácia de improvisados paleontólogos. Não se sabe até onde foi possível acreditar na autenticidade desses misteriosos documentos; sua antiguidade, porém, parecia incontestável, tendo despertado na época enorme curiosidade e muitos comentários.

Foi preciso vir abaixo todo o morro do Castelo para não se falar mais nos fantásticos tesouros dos padres Jesuítas.

